

Coisas da política

13 AGO 1980

Constituinte, eleições e ruptura do regime

Eymar Mascaro

SENADORES e deputados da oposição decolaram de Brasília nas últimas horas e, numa revoadada sem escala, pousaram em São Paulo e buscaram abrigo no ninho da Constituinte. Promoveram sucessivos encontros e procuraram nos seus pronunciamentos a construção de frases que entendem capazes de sensibilizar o Governo e a opinião pública para a idéia de convocação de uma Assembleia Constituinte, como forma de eliminar o divórcio que há entre Estado e Nação.

No bojo de críticas ao Governo, todos eles, sem exceção, condenaram os atos de violência contra pessoas e instituições que se registram, sobretudo, em São Paulo, por coincidência, no mesmo dia em que fanáticos atacaram de forma torpe uma creche destinada às crianças judias. Alguns dos

deputados e senadores aproveitaram o máximo para obter dividendos políticos e encontraram tempo para uma recepção calorosa ao ex-Presidente chileno Eduardo Frei, que, na sua peregrinação pelo Estado, aproveitou e conversou com o Cardeal Evaristo Arns.

A tônica da Constituinte, no entanto, prevaleceu nos encontros que a oposição sustentou, a começar pela solenidade promovida na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, marcando o engajamento do Centro Acadêmico 11 de Agosto na luta pela reforma do texto constitucional. O mesmo ocorreu no auditório do Tuca, local onde os deputados e senadores engrossaram a onda de protestos contra os atentados. Os mais contundentes foram o Senador Teotônio Vilela, ao denunciar o que chamou de "surto

da direita em pleno militarismo", enquanto o presidente do PMDB, Deputado Ulisses Guimarães, qualificava de "podre o cadáver da ditadura".

Nem toda a oposição, porém, está convencida de que o caminho da Constituinte, no momento, seria o ideal para a recomposição democrática do país. Observou-se, por exemplo, que o Senador Tancredo Neves e o Deputado Thales Ramalho, apesar deste último apoiar publicamente a tese de uma nova Constituição, consideram mais importante para a nação a efetivação de eleições diretas para preenchimento dos diversos escalões da nossa vida pública. Aqueles que são considerados mais moderados admitem, por exemplo, que na hipótese de se registrar a vitória das esquerdas numa Constituinte, com o conseqüente rompimento do regime, o fato poderia

assanhar setores das Forças Armadas, deixando na orfandade o processo de abertura imprimido pelo Presidente da República. A idéia é válida também para o outro lado, isto é, para a possibilidade de um novo Congresso (com poder constituinte) se preenchido com a supremacia da direita radical, que no Cone Sul se revela atuante, ousada e competente. Isso, no entanto, não quer dizer que eles se mantenham céticos quanto a uma convocação constituinte por entenderem, como alguns, que "pior do que está não pode ficar", pois sabem que há tempos atrás e para um aglomerado de políticos, a fase era de negritude total. Para esses, ficou melhor do que estava, sem as grades e torturas.

Em meio à timidez com que esses moderados cuidam do assunto, pen-

sando no perigo que corre a abertura política com eventual ruptura do sistema, um fato político importante vai ser registrado hoje em São Paulo, com o encontro de deputados que foram constituintes em 47, a nível estadual, entre os quais o Sr Ulisses Guimarães, e muitos outros que pertenceram ao Partido Comunista Brasileiro, apeados que foram do Legislativo quando a agremiação foi posta na ilegalidade por Dutra. Os deputados marcaram almoço de confraternização no restaurante do Hotel C'Adoro, na Rua Augusta, mas sabe-se que, além da festividade, será proposto apoio à tese da reforma constitucional por um Congresso renovado. Dos constituintes de 47 em São Paulo, ainda estão vivos políticos de expressão como os Srs Auro de Moura Andrade e Cunha Bue-

no, além do recordista de prisões políticas como o Sr Taibo Cadorniga, que, por pertencer ao PCB e ter liderado algumas greves, conta na sua biografia com 29 passagens pelos cárceres.

Aos poucos, os senadores e deputados estão retornando a Brasília, com a certeza de que procuraram expor a tese da Constituinte para platéias diferentes, mas alguns convencidos de que para o país o mais viável é a realização de eleições. As platéias, na sua maioria de jovens, foram sensibilizadas. O que não sabem ou se sabem não querem dizer, é que para o Governo a tese da Constituinte continua fora de propósito. Pelo menos, por enquanto.

Eymar Mascaro é repórter da Sucursal do JORNAL DO BRASIL em S. Paulo.